

**QUEM COM FERRO FERE, COM
FERRO SERÁ FERIDO**



CANÇÕES DA ESCOLA

Governo do Estado do Ceará

Governador

Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador

Francisco José Pinheiro

Secretário da Cultura

Francisco Auto Filho

Secretária Executiva da Cultura

Alda de Oliveira

Coordenadoria de Políticas do Livro e de Acervos

Karine David

Raymundo Netto (Coordenação Editorial)

Coordenadoria de Patrimônio Artístico e Cultural

Otávio Menezes

Diretoria da Casa de Juvenal Galeno

Antônio Santiago Galeno Júnior

Coleção Nossa Cultura

Conselho Editorial

Ângela Maria R. Mota de Gutiérrez

Cristina Rodrigues Holanda

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

Jorge Pieiro

Maria Eleuda de Carvalho

Rafael Sânzio de Azevedo

Sarah Diva da Silva Ipiranga

Juvenal Galeno
— OBRA COMPLETA —

**QUEM COM FERRO FERRE, COM
FERRO SERÁ FERIDO**

1ª EDIÇÃO



CANÇÕES DA ESCOLA

2ª EDIÇÃO

Organização
Raymundo Netto

Apresentação de Quem com Ferro Fere...
Ricardo Guilherme

Apêndice
José Freitas Nobre



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura

Fortaleza - Ceará
2010

Juvenal Galeno: obra completa

Quem com Ferro Fere, com Ferro será Ferido (dramaturgia)

1ª edição

Canções da Escola

2ª edição

Copyright © 2010 Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Todos os direitos desta edição reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 19.02.1988 à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da SECULT/CE.

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n, 3º andar, Fortaleza, Ceará

CEP: 60.839-900

www.secult.ce.gov.br

Casa de Juvenal Galeno

Rua General Sampaio, 1128, Centro, Fortaleza, Ceará

Coordenação editorial

Raymundo Netto

Transcrição do texto de *Quem com Ferro Fere...*

Ricardo Guilherme

Revisão/Cotejamento de texto de *Quem com Ferro Fere...* para esta edição

Raymundo Netto

Revisão de texto de *Canções da Escola*

Raymundo Netto e Jorge Pieiro

Digitação do original

Marcelo Costa (*Quem com Ferro Fere...*) e Raymundo Netto (*Canções de Escola*)

Capa

Mariano Souza e Raymundo Netto

Programação visual e diagramação

Francisco Batista

Ilustrações

Na capa: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela de Jane Blumberg

Na aba biográfica: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela de Otacílio de Azevedo

A seguir: Capa do manuscrito original de *Quem com Ferro Fere, Com Ferro Será Ferido* (1859), acervo particular de Ricardo Guilherme, e folha de rosto original da primeira edição de *Canções da Escola*, acervo do Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Foto de orelha: Objetos de Juvenal Galeno (relógio despertador francês e bule de café), acervo da Casa de Juvenal Galeno (foto: Raymundo Netto)

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

Catálogo na Fonte

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães- CRB 3 801



Juvenal Galvez

Gallian cum ferro ferre, cum
ferro sua ferido. 11

Proverbio em um acto

por
Jurnal Gallino.




Bea. d. = 1859.

CANÇÕES DA ESCOLA

POR

JUVENAL GALENO



1871

CEARÁ

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO.

A' venda na livraria de Joaquim J. d'Oliveira & Filho.

10—PRAÇA DO FERREIRA—10

ÍNDICE

Retorno às Origens	13
Rito de Passagem, por Ricardo Guilherme	17
Revisão de <i>Quem com Ferro Fere, com Ferro Será Ferido</i> , José Freitas Nobre	19
<i>Quem com Ferro Fere, com Ferro será Ferido</i>	23
<i>Canções da Escola</i>	65
Entrada	71
Retirada	72
Laudatória	73
Amor do Próximo	74
A Independência	75
Hino Nacional	77
Amor de Deus	78
Faltas Graves	79
Nos Passeios	80
Eucaristia	83
Salve!	87
Recordação	89

RETORNO ÀS ORIGENS

A publicação, pela Secretaria da Cultura do Estado, de **Juvenal Galeno: obra completa** pretende iniciar uma nova fase na vida da famosa Casa que leva seu nome. Criada para preservar a memória do poeta, a Casa de Juvenal Galeno terminou por assumir, ao longo do tempo, outras funções que a levaram a pôr em plano secundário a política literária nacional-popular do autor de *Lendas e Canções Populares*.

Se essa política literária cumpriu, na origem, um papel decisivo na formulação de uma autêntica literatura nacional, como, na segunda metade do século XIX, buscou demonstrar o crítico Araripe Júnior em duas famosas cartas (a primeira, sobre a “literatura brasílica”, de 1869, e a segunda, sobre “A poesia sertaneja”, de 1875), agora, sob o impacto da “globalização” imperialista, ela readquire flagrante atualidade diante do avassalador “jugo de estrangeiras emoções”.

E foi o próprio Juvenal Galeno um dos primeiros a formular os fundamentos dessa então nova política literária. Na nota de introdução que escreveu para o livro *Lendas e Canções Populares* (1865), assim os exprimiu:

Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o Império – pugnando pela liberdade e reabilitação moral da pátria, encarada por diversos lados, – em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes de seus próprios versos.

Se consegui, não sei; mas para consegui-lo procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver, e então, nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouvi e decorei seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias – aprendi seus costumes e superstições, falei-lhe em nome da Pátria e guardei dentro em mim os sentimentos de sua alma, – com ele sorri e chorei, – e depois escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que me dizia, o que me inspirava.

Não se limitou, porém, o nosso poeta a tratar a questão no terreno puramente antropológico. Sua concepção de política literária contempla a dimensão do engajamento sociopolítico, numa atitude que o singulariza entre os que, à época, propugnavam pela construção de uma literatura “brasílica”:

Chorei a sorte do povo, que nas ruas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que ele ignorava seus direitos, lhe expliquei; vendendo-o no sono fatal da indiferença, despertei-o com maldições ao despotismo e hinos à liberdade, — e estimulei-o comemorando os feitos dos mártires da Independência e de seus grandes defensores, — preparando-o assim para a reivindicação de seus foros, para a grande luta que um dia libertará o Brasil do jugo da prepotência, e arrancará o povo das trevas da ignorância, e dos grilhões do arbitrio.

É a esses valores que se pretende fazer a Casa de Juvenal Galeno retornar agora, após a reforma e ampliação que o Governo do Estado promove. O novo programa da SECULT de apoio à cultura popular cearense, cumprindo as diretrizes de governo do então candidato Cid Gomes, concretiza tais valores com a criação de uma rede de instituições que inclui, além da **Casa de**

Juvenal Galeno, o **Memorial Patativa do Assaré**, restaurado e ampliado; o **Memorial do Poeta Agricultor Patativa do Assaré**, instalado na Serra de Santana; o **Memorial Cego Aderaldo**, em Quixadá; a **Lira Nordestina**, em Juazeiro do Norte, em parceria com a Prefeitura do Município e a Universidade Regional do Cariri; o **Centro Histórico-Cultural do Caldeirão**, em parceria com a Prefeitura do Crato; os **Memoriais das Culturas Indígenas**, o primeiro dos quais a ser instalado na Casa de José de Alencar, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e a Federação das Indústrias do Estado do Ceará; o **Memorial dos Quilombolas**; os **Museus de Arte e Cultura Populares**, no Centro de Turismo de Fortaleza; **Arte Sacra Popular**, no Cariri, e do **Ex-Voto**, em Canindé; e, finalmente, a **Universidade Popular dos Mestres da Cultura Tradicional**. Outras instituições igualmente necessárias para a preservação e difusão das culturas populares do Ceará estão em estudo pelo corpo técnico da SECULT e entidades da sociedade civil local.

A necessidade da intervenção do poder público como suporte institucional dessa esfera de nossa cultura é não só obrigação constitucional do Estado, mas encontra respaldo na opinião de renomados estudiosos, como Tristão de Athayde, que, já em 1928, destacava: “Se o povo, mas que as gerações cultas, participa da natureza e das condições ambientes, nenhuma terra mais propícia à poesia popular que o Ceará”.

Auto Filho

Secretário da Cultura
do Estado do Ceará

Rito de Passagem

Ricardo Guilherme

Houve um tempo em que jovens e inéditos poetas se reuniam em volta da herma do velho poeta para nas noites de sábado viver poesia. Na Casa de Juvenal Galeno, quando no início dos anos 1970, existia o *Clube dos Poetas Cearenses*, e lá estava eu, adolescente autor de prosa e verso, a ouvir e dizer poemas e, assim, compartilhando o fomento da razão e o fermento da emoção que àquela época nos faziam instituir entre amigos uma troca informal de saberes. Na sala de jantar do casarão partilhávamos, como se fossemos da centenária família, os biscoitos “Aymoré”, as bolachas “Maria” e os sucos de frutas que Nenzinha Galeno nos servia.

Em 1972, descobri que o texto inaugural da literatura dramática cearense, *Quem com Ferro Fere, com Ferro Será Ferido*, houvera sido escrito em 1859 pelo patrono daquele espaço no qual uma emergente geração de escritores sonhava livros. A partir de então, comecei a sonhar com a criação de um acervo referente à memória do nosso teatro, o cearense.

Um dia, em 1975, perguntei à Nenzinha se entre os alfarábios de Juvenal não teria sobrevivido a tal peça. Para minha surpresa, a tão ciosa e às vezes austera senhora não apenas me permitiu ler a relíquia na biblioteca da Casa, mas também — sabedora de que em novembro daquele ano eu inauguraria o que inicialmente chamei de *Museu Cearense de Teatro* (hoje o *Doc-Teatro* do Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal do Ceará/UFC) — me fez, ainda aos meus 20 anos incompletos, guardião de uma obra oriunda do século XIX [a segunda

produção textual de Juvenal Galeno, sendo a primeira, *Prelúdios Poéticos*, de 1856, e a terceira, *A Machadada*, de 1860].

Desde então preservo a única obra cênica de Juvenal, cuja publicação imaginei. Para isso, ainda em meados da década de 1970, decifrei, munido de paciência e lupa, os manuscritos, e os transcrevi a caneta, em longo e meticuloso processo. Essa transcrição, bem como os originais e a cópia datilografada tempos depois por Marcelo Costa embasam o livro que ora, após 35 anos de espera, vejo se transfigurar em realidade. Quanto ao material com a letra cursiva do poeta-dramaturgo, resolvi por dever de consciência doar ao setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado do Ceará. Neste gesto, retrocedo no tempo e reencontro Nenzinha Galeno com a sensação de que não traí sua confiança.

Ainda que a um pesquisador sempre doa desapegar-se da guarda de seus arquivos, cumpro, afinal de contas, uma missão histórica que de certo modo consolida uma intermediação social, um rito de passagem, uma ponte entre o passado e o futuro.

Guaramiranga, *Festival Nordestino do Teatro*, 2010.

Revisão de *Quem com Ferro Fere, com Ferro Será Ferido*

*José Freitas Nobre*¹

Além de poeta, Juvenal foi dramaturgo.

O drama *Quem com ferro fere, com ferro será ferido*, encenado várias vezes em Fortaleza, é um estudo sociológico que esclarece mais ainda a cultura múltipla de Juvenal Galeno.

Ele estuda profundamente, nessa peça, os nossos costumes e a sua degenerescência, na época dos chefetes políticos.

E explica as arbitrariedades desses mandões, dos delegadinhos, dos chefes de polícia do interior que amedrontavam as populações sertanejas com suas atitudes impensadas, com seus assassinios vandálicos, com seus homicídios canibalescos.

Juvenal Galeno poderia ter dado a esse drama o título de “Origem de Lampeões” e este caberia igualmente, adaptar-se-ia da mesma forma, porque esse drama é um estudo que esclarece a origem dos cangaceiros, tipos proteiformes, resultados de lares mal-formados e de ambientes revolucionados pelos chefetes arrogantes.

Eis, nas linhas abaixo, mais ou menos, o resumo de *Quem com ferro fere, com ferro será ferido*:

Destacamos cinco personagens principais: Luiz, pai de família, agricultor honesto e progenitor de Maria e Amâncio, ambos na flor da juventude; Francisco, noivo de Maria e tenente Amorim, delegado da localidade.

¹ Em *O Criador da Poesia Popular*, Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”, São Paulo, 1939.

Maria estava noiva com Francisco e seu pai, não explicando o motivo, procurava apressar o casamento.

Certa vez, ele, em resposta às perguntas insistentes da filha, afirmou que desejava casá-la no sábado próximo, pois o delegadinho Amorim planejava roubá-la, para o que estava preparando terreno. E, seduzir, era costume desse tenente.

Os dias rolaram e o tenente, de uma feita, resolveu praticar o rapto.

Aproximara-se da casa, enquanto ordenava ao escrivão, seu guarda-costas, que fosse buscar seis “capangas”.

Em primeiro lugar, olhou entre o arvoredado que circunda a casa, protegido pelo escuro da noite e notou a moçoila recostada à porta.

Lá, no interior da choupana, em volta do leito de uma senhora — esposa de Luiz — estavam Francisco, Amâncio e o chefe da casa.

O tenente Amorim chegou-se à jovem e quis iniciar a palestra, entretanto, esta esquivou-se. Novamente, mas debalde, procurou travá-la.

Puxa a moça pelos braços, irado, querendo obrigá-la a palestrar, mas esta pede socorro ao pai.

Luiz aparece no cenário e descarrega uma longa série de desaforos ao delegado.

É o tempo que chega o escrivão com a malta, que a polícia, daquela localidade, cinicamente, arregimentara em suas hostes.

Antes de tudo, o comissário “guarda-costas” entrega uma carta ao delegado. Era uma carta “urgente”.

Enquanto este rasga o invólucro, dá ordem para que amarrem Luiz, o qual será transportado, como ele próprio afirma, para a cadeia, e para que levem, como recrutas, os dois rapazes: Francisco, seu rival, e Amâncio, filho do velho.

Os pedidos insistentes da moçoila, entretanto, não abrandaram a ira da “autoridade”.

A pelega foi dura, principalmente porque Luiz pegara de uma faca e reagia, energicamente, contra os invasores de sua cabana honesta.

De repente, Amorim, solta um grito de espanto enquanto lê, em voz alta, como um louco, trecho de uma carta de seu pai, na qual seu progenitor conta a sua situação e a de sua família.

Na região em que residia seu pai, o delegado era um tipo grosseiro e empertigado. Chegou a maltratá-lo, além de ter ameaçado seduzir a sua filha, irmã do tenente Amorim.

Tomava respiração e continuava lendo, loucamente, os trechos que se seguiam.

Soube que sua casa vivia constantemente atacada por pessoas da polícia e que lhes faltava auxílio e Justiça. Os seus viviam momentos heroicos. Rogava ao filho que seguisse urgente em sua defesa, em auxílio de sua prole, de sua família.

Extasiado, o tenente, apontando aos subordinados as amarras nas mãos e nos pés de Luiz, dizia num tom de voz diferente do seu: “Vós todos que nunca vistes em meu rosto senão o vigor, vede agora o pranto! Não o escondo. Não me envergonham estas lágrimas, porque são as do arrependimento e da agonia. Adeus. Lembrai-vos, sempre, que neste mundo quem com ferro fere, com ferro será ferido”

QUEM COM FERRO FERRE, COM FERRO SERÁ FERIDO

“(…) Quase vinte anos depois [refere-se à transferência, em 1842, do *Teatro Concórdia*, situado na esquina da rua General Bezerril, em frente à Igreja do Rosário, para a rua Barão do Rio Branco, na época “rua Formosa”, nº. 72, onde também muda o nome para *Teatro Taliense*], isto é, em 1861, nesse teatro é encenada uma comédia em um ato, de autor cearense – Juvenal Galeno – com o título-provérbio *Quem com Ferro Fere, com Ferro Será Ferido*. Devia ser mesmo um provérbio, gênero teatral de menor importância, mas que era talvez por isso mesmo, pela leveza e ingenuidade, bem aceito em todas as plateias brasileiras”.

Edigar de Alencar, em “O teatro Amadorístico em Fortaleza”, Fortaleza de Ontem e Anteontem, Edições UFC, PMF, Fortaleza, 1980.

“Seria oportuno pesquisar se não teria sido esse trabalho [*Quem com Ferro Fere...*] de Juvenal Galeno o primeiro trabalho teatral cearense. Assim, o grande poeta criador da poesia popular no Brasil, seria também **o iniciador do teatro escrito no Ceará**”.

Marcelo Costa, em Teatro na Terra da Luz, Edições UFC, Fortaleza, 1985.

QUEM COM FERRO FERRE, COM FERRO SERÁ FERIDO

— 1859 —

Provérbio em um ato, por Juvenal Galeno

Quem com ferro Fere, com Ferro será Ferido, **escrita em 1859, com estreia nos palcos do Teatro Taliense em 3 de abril de 1861¹**, é a primeira peça escrita e encenada por autor cearense. Teve o seguinte elenco:

Personagens –

Luís, pai de Maria e Amâncio, 50 anos (Lima Penante)

Antônio José, 40 anos (Leonardo)

Tomaz, 40 anos (Gil)

Tenente Amorim, delegado militar, 25 anos (Coimbra)

Francisco, noivo de Maria, 22 anos (Lessa)

Amâncio, 21 anos (Luciano)

Maria, 18 anos (Fran)

O Escrivão e Soldados

Ação – no interior da Província do Ceará.

Época – a Atualidade (1859)

¹ No *Dicionário Biobibliográfico* do Barão de Studart, no verbete “Juvenal Galeno”, consta a data de estreia da peça em **3 de novembro de 1861**, ao invés da referida data registrada no manuscrito original do Poeta.

ATO 1

Cenário: *Vista de campo. No fundo uma casa de palha. Bancos no terreiro e uma prateleira presa à parede com botijas e garrafas. São cinco horas da tarde.*

CENA I

Maria, sentada no chão junto de uma almofada, trabalha em renda, e Luís, pouco distante, debulha algumas espigas de milho

Maria – Como tem me custado acabar este papelão! É quase noite, e assim queira Deus hoje eu o acabo. Também esta renda é tão custosa... a linha tão podre (*quebra uma linha*) Oh!... (*com enfado*), como isto aborrece!

Luís – Tens razão, minha filha. É sempre enfadonho à noiva o tempo necessário aos preparativos do casamento. Um dia parece um ano (*com intenção*), um ano de aborrecimento.

Maria – Não, senhor. Comigo não acontece assim.

Luís – Tu a pouco o disseste.

Maria – Eu?... Pois eu disse isto?

Luis – Sim, não te lembras?

Maria – Ora... esta minha cabeça...

Luís – Anda como a de todas as noivas. Coitadinhas. Dizem e desdizem ao mesmo tempo. O amor tira-lhe o juízo...

Maria – Então, ficam doidas?

Luís – Sim, doidas para casarem. Depois, com os três banhos da Igreja e com as bênçãos do senhor Vigário, ficam curadas perfeitamente.

Maria – Ah...

Luís – Por isso, para concluir com este negócio enquanto antes, fui ontem falar com Francisco. Disse-lhe que já se achava afinada a viola para a festa e que por isso...

Maria – E que por isso...

Luís – Não se passa com empalhações.

Maria – E ele?...

Luís – Ora, o rapaz saltou de contente e não me deixou durante à tarde. Acompanhou-me à casa do Vigário, e lá marcamos o dia. Queres saber?

Maria – Sim, senhor.

Luís – É deste sábado a oito dias, se Deus quiser.



Maria – Tão depressa...

Luís – E por que não?

Maria – Falta-me um cabeção aberto de rendas...

Luís – Isto não impede. Acabarás o teu cabeção, depois de casada.

Maria – Mas...

Luís – Nada de desmanchos. Quero ver isto concluído sem demora. Tenho razões para apressar o teu casamento.

Maria (curiosa) – Porém, vosmecê ainda nada me disse a respeito. O que há então?

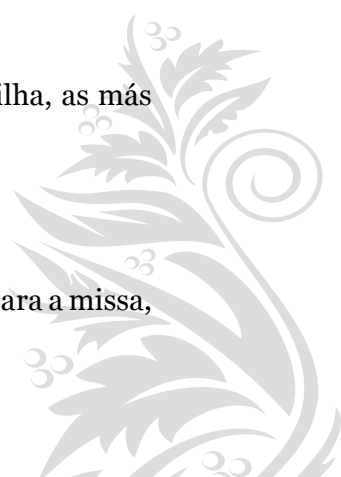
Luís – Não sei... Não... sempre é bom contar-te. (*dispondo seus afazeres. Descem ao cenário*) Minha filha, há neste mundo criaturas tão malvadas que divertem-se em tisonar a reputação alheia... em sujar com seu cuspo imundo até a honra de uma pobre e inocente moça!

Maria (aflita) – Meu Deus! O que será isso!

Luís – O que é? Escuta. As más línguas, minha filha, as más línguas já murmuram a teu respeito!...

Maria – A meu respeito? Como?

Luís – Não sei, porém, quando aos domingos vais para a missa, certa gente olha-te assim de um modo...



Maria – Ah... O que dirão de mim?

Luís – Outro dia ouvi pronunciar o teu nome, e logo depois o do tenente Amorim. A princípio fiquei em dúvida. Poderia ter ouvido mal. Porém, depois... na missa, notei que o tenente não tirava os olhos de ti... Mirava-te de uma maneira que já passava a desaforo!

Maria (à parte) – É verdade; mas devo tudo esconder para salvar meu pai. (*a Luís*) Pois não reparei. Nem mesmo o vi.

Luís – Pode ser. Por isso muito gente havia lá, que mais cuida na vida alheia do que ir nas rezas, na missa, e em Deus. Oh! A raiva sufoca-me! Quis pedir uma satisfação. Quis dizer a esse homem, que por ser tenente e delegado, não fizesse pouco da gente pobre.

Maria – Meu Deus!

Luís – Depois lembrei-me que seria melhor casar-te já; e que se eu falasse, arriscaria a tua sorte.

Maria – Fez bem, meu pai. Se falasse, sofreria a vingança desse malvado.

Luís – Disto eu estou certo. Se eu dissesse alguma coisa, não estaria mais nesta casa. Sim, por defender a tua honra, ele mandaria pôr-me um par de algemas e encerrar-me na prisão. Depois o que seria de teu irmão, e de ti, minha filha?

Maria – Oh, sim. Meu irmão seria recrutado, meu pai processado e preso, enquanto minha mãe e eu morreríamos, talvez!

Luís (com veemência) – A perdição e a miséria! Oh... mil vezes a morte!

Maria – E a justiça, meu pai?

Luís – A Justiça? Não sabes que ela custa muito dinheiro? (*com desânimo*) O pobre não tem dinheiro para comprá-la.

Maria – Ah! Triste de quem é pobre!...

Luís – Sim, triste do pobre, porque nunca tem razão quando é acusado pelo rico ou influente na sociedade. Se ele chora, se geme, se reclama os seus direitos, chamam-lhe tratante, malcriado e não sei o que mais. Ao rico nada disto acontece, porque a razão é a sua constante companheira.

CENA II

Os mesmos e Antônio José

Antônio José (entrando) – Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Luís e Maria – Para sempre amém.

Antônio José – Ora, tinha eu bem que esperar, sr. Luís Francisco. Vosmecê prometeu passar por minha casa,

ao por do sol, para irmos ao roçado, e até estas tantas horas, nada!

Luís – É fato. Porém, tive que fazer uma viagem de uma légua, em procura de uma meizinha que ensinaram a minha mulher.

Antônio José (com interesse) – É verdade. Como vai ela?

Luís – Anda muito doente. Coitada, tem sofrido bastante. Todavia, tem muita esperança em São Francisco das Chagas, a quem fez uma promessa.

Antônio José – E deve ter fé. Os milagres de São Francisco são inúmeros. Outro dia, contou-me uma senhora que voltava de uma romaria, que o santo a salvara de uma moléstia ruim...

Luís (puxando um banco) – Abanque-se, senhor Antônio José, enquanto vou buscar minha foice. Pouca será a demora.
(*sai*)

CENA III

Antônio José e Maria

Antônio José – Venha cá, formosa Mariazinha. Venha contar-me alguma coisa de seu casamento. Assente-se aqui perto.

Maria (assentando-se) – O que quererá vosmecê que eu lhe diga? Não há nada de novo...

Antônio José – Deixe-se de acanhamento. Ainda não contou-me. Ainda não contou-me as vezes que tem sonhado com seu noivo...

Maria – Eu...

Antônio José – Não esconda. Há de contar-me o sonho que teve esta noite, minha menina. Vamos lá, eu prometo-lhe segredo.

Maria – É muito triste. Quando acordei estava com os olhos molhados de lágrimas.

Antônio José – Oh! Como foi isto, minha filha?

Maria – Eu vou contar. Vosmecê não diga nada a ninguém.

Antônio José – Ora, vamos lá...

Maria – Na semana passada, deu-me o Francisco um periquinho verde, mansinho que era um gosto vê-lo. Quando me oferecia, disse-me que a cor significava a esperança e mansidão do estado de coração quando vivesse ao meu lado...

Antônio José – Mas, e o sonho?

Maria (continuando) – tornou-se o periquito o meu companheiro de costume, de mesa e de passeio. Porém, esta noite... Oh! Que sonho...

Antônio José – Sonhou com o tal periquito?

Maria – Sim, sonhei que a afilhada de minha tia Antônia, o havia apertado tanto, tanto que ele morreu. Nesse tempo, apareceu-me Francisco, e vendo o seu periquito sem vida, começou a entristecer, a entristecer olhando para mim que chorava desgostosa sem lhe poder falar.

Antônio José – São sonhos, Mariazinha, não creia neles...

Maria – Acordei chorando, e ainda mais chorei depois.

Antônio José – O que aconteceu depois?

Maria – Ao depois? (*com espanto*) Era quase meia-noite. Todos dormiam, menos eu, que chorava lembrando-me do sonho, quando... Oh, Meu Deus, apareceu uma mariposa preta junto da candeia. O cachorro uivava lá fora... o coração me batia com força... Oh, tudo isto depois daquele sonho! Tudo isto nas vésperas do meu casamento!

Antônio José – E o que há nisto, minha filha?

Maria – O que há? Pois não sabe que estas coisas anunciam muita desgraça, muito sofrimento?

Antônio José – Não creia em agouros, Mariazinha. Reze a Nossa Senhora do Amparo, e tenha fé, que eu lhe asseguro que há de casar-se e ser muito feliz.

Maria – Nossa Senhora o escute, e me proteja.

CENA IV

Os mesmos e Luís

Luís (entrando, em traje de trabalho) – Aqui estou, meu amigo. Vamos. Ainda há tempo de sobra para examinarmos os nossos legumes.

Antônio José – Vamos! (*para Maria*) Adeus, Mariazinha, até logo.

Maria – Se Deus quiser. (*beija a mão de Luís*)

Luís (abençoando-lhe) – Deus a tenha em sua santa guarda. (*saem*)

CENA V

Maria só

Maria (olha para o caminho em que seguiram os dois e volta logo ao cenário) – Foram-se. Já não podem escutar-me. Já não chegará aos ouvidos do meu pai a confissão do segredo, que lhe tenho ocultado para evitar um sofrimento maior. (*pausa*) Pobre pai, ainda há pouco hesitavas em contar-me as tuas desconfianças contra o tenente Amorim, e mal sabia que falavas à vítima de mil ciladas, de tantos laços dos quais tenho escapado com o poder de Nossa Senhora. Quis confessar-te o que tem feito esse homem pra perder-me. Porém, tremi de medo que um excesso, que uma queixa amarga fosse bastante para perder-nos. E por que não? Não é ele

delegado... poderoso... e muito infame? *(pausa)* Oh! Meu Deus, como tenho padecido ultimamente! Ainda no princípio da vida, e já tão cheia de cuidados, tão infeliz! Entretanto, todos me julgam venturosa, lembrando-se que sou moça, que tenho um amor correspondido, e que estou nas vésperas do dia do noivado. Como se engana o mundo... Vê felicidade na pobrezinha rola perseguida pelo pássaro assassino, que não cansa e que desconhece a piedade! Venturosa a ervinha que tremeleia ao sopro do vento, que anuncia a tempestade! Não... Não sou feliz! Meu noivo, meu irmão, meu velho pai, são pobres e, por isso, fracos. O delegado, meu perseguidor, é forte e malvado, e assim pode, num instante, algemá-los e levá-los daqui, talvez, para sempre! Minha mãe, pobre vítima de uma longa doença, presa ao leito, com qualquer abalo deixará o mundo. E eu... Meu Deus! *(chora)* Ah, o que será de nós... quem nos protegerá?... *(ouve-se ao longe o som de uma gaita que vai se aproximando. Maria estremece, escutando)* Aquela gaita é de Francisco! *(limpa os olhos)* É ele que, deixando o seu roçado, vem visitar-me, e, como costuma, anuncia-me de longe a sua visita. *(escuta atenciosa)* Como é terna aquela toada! Como m'a fala do que sinto no meu coração. Meu Deus... eu amo tanto...

CENA VI

Maria e Francisco

Francisco (tendo aparecido e ouvido as últimas palavras aproxima-se e segura-lhe a mão) – Alguém lhe adora com firmeza... A mim, que lhe amo tanto como ao sorriso terno de minha mãe!

Maria (estremecendo) – Francisco!...

Francisco (apaixonado) – Maria!... (de mãos dadas, contemplam-se estáticos por um momento)

Maria – Causaste-me um susto...

Francisco – Não me esperava?

Maria – Não...

Francisco – E a toada amorosa de minha gaita não disse-lhe que eu vinha ser venturoso?

Maria – Sim... ouvi a sua gaita, mas...

Francisco – E então?

Maria (ainda comovida) – Não sei...

Francisco (à parte) – Tão comovida! (*para Maria*) Maria seus olhos estão vermelhos... Sua voz trêmula ... Acaso você chorou?

Maria (à parte) – Para que revelar esse segredo e assim agonizá-lo? (*para Francisco*) – Não... Você enganou-se.

Francisco (solicito) – Não me esconda. Diga-me o que a entristeceu... Diga-me!

Maria (à parte) – Nada devo dizer-lhe... mais. (*a Francisco*) Quer saber?... Não vale nada.

Francisco – Diga.

Maria (à parte) – Meu Deus! É necessário fingir... (*a Francisco*)
Sim, chorei ouvindo o som melancólico de sua gaita;
porém, o meu pranto não foi amargo nem doeu-me
n'alma. Foi consolador e necessário ao meu coração...

Francisco – Mas, a causa?

Maria – Somente uma saudade... um pensamento de noiva.
Lembrei-me que se aproximava o dia de nosso
casamento. Um prazer desconhecido senti, então.
Chorei de alegria. Depois lembrei-me de meus pais,
dos brinquedos de minha mocidade, da minha pobre
casinha, de minhas amigas e dos belos dias que tenho
passado com elas. Pensei que breve deixaria de gozar
tudo isto, que me é tão agradável, e por isso comecei a
chorar pesarosa...

Francisco (enternecido) – Maria, você não tem razão de chorar.
O casamento não lhe priva dos objetos que lhe agradam.
Você terá tudo isto, e ainda mais, Maria, a felicidade que
nos concede um amor puro, imenso e abençoado pela
Igreja e por nossos pais. Assim, pois, não chore mais...
Toda a minha vida pertence-lhe... pende de seus lábios...
(*veemente*) Oh! Sim, eu a² amo como extremo!

Maria (vergonhosa) – Eu também a³ amo muito.

Francisco – Depois que nos casarmos (*apertando uma mão à
outra*), Meu Deus!

² No original "lhe"

³ idem

Maria – Depois que nos casarmos...

Francisco (com transporte) – Como será bela a nossa vida! Como serão lindos os nossos sonhos! Escute, Maria, ao seu lado passarei encantadas horas com os olhos fitos em seu rosto, contemplando esta formosura divina, esta ternura que trazem d'alma os seu sorrisos. Conversaremos, docemente solícitos, em nosso porvir, e na realização de muitos planos dourados... de muitos sonhos fagueiros. E quando passearmos pelo campo? Olha: você irá com o braço por cima do meu ombro, e eu sentindo o mágico calor de seu corpo, ouvindo o seu falar mais melodioso que o canto do canário, e caminhando como o mais feliz dos homens. Quando eu for para o roçado, você irá comigo, não para trabalhar e, sim, para que as horas corram-me ligeiras, e o trabalho torne-se suave e até delicioso. Nas horas de calor, você assentada à sombra do arvoredor mais frondoso, me convidará, com amorosos suspiros, ao descanso. Eu, não podendo resistir, abandonarei o trabalho, e, assentando-me a seus pés, você, afável, enxugará a minha frente suada, fazendo-me esquecer o calor do sol, com o calor de seus olhos...

Maria (comovida) – Francisco... basta!

Francisco (continuando) – Ao romper d'aurora, iremos sozinhos contemplar a nossa lavoura, do lugar mais alto do roçado. Dali, vendo o legume que brota viçoso, orvalhado, e belo, eu soltarei da minha gaita um hino rude, porém, agradável. Você o acompanhará cantando

alguns versos compostos por nós. Sua voz angélica unida ao som de minha gaita será a saudação à verdura das roças, e um agradecimento ao Deus de bondade que nos contempla do céu.

Maria (transportada) – Oh! Francisco... Francisco, como serei feliz!

Francisco – E nas noites de luar, Maria? Quando ao lado um do outro passarmos horas e horas, esquecidos do mundo, a contemplar a lua, num sonho de amor? Meu Deus!
(apertando a mão de Maria)

Maria – Como o amo, Francisco...

Francisco – Contudo, você ainda há pouco estava chorando...

Maria (com ingenuidade) – Não chorarei mais... não. Eu o prometo.

Antônio José (dentro) – Adeus, senhor Luís, passe bem a noite.

Luís (dentro) – Obrigado, senhor Antônio José; Deus vos queira valer.

Maria – Ali vem meu pai. Até logo. *(sai)*

CENA VII

O mesmo, Luís e Amâncio

Luís – Adeus. Francisco, como deixaste tua mãe?

Francisco (apertando a mão de Luís e depois de Amâncio) –
Com saúde, graças a Deus. Vosmecê, como passa?

Luís – Eu... (*com tristeza*) eu não passo bem. Além da prolongada enfermidade de minha mulher, outros males pesam sobre mim.

Francisco – Se não fosse curiosidade demais... Mas, não. Como amigo quero consolar o amigo que sofre. Como filho, partilhar seus pesares.

Luís (a Amâncio) – Meu filho, é quase noite, e ainda não acendeste a fogueira aqui no alpendre.

Amâncio – Vou acendê-la depressa, meu pai. (*retira-se para o fundo, onde prepara uma pequena fogueira*)

Luís (a Francisco) – É verdade o que dizias, Francisco. O amigo deve partilhar o sentimento daquele que sabe corresponder-lhe amando-o, como a qualquer dos seus filhos. Mas o que me agonia, é por todos conhecido...

Francisco – Já sei. É o delegado. É esse soldado cruel que nos quer governar com a chibata, como governa aos homens do seu destacamento.

Luís – É verdade. Hoje tive que sofrer mais um desaforo, mais um despotismo, e, entretanto, tive prudência... Calei-me. Sabes por quê? (*com ódio concentrado*) Porque tenho uma filha em véspera de ser noiva; porque tenho um filho solteiro; porque tenho uma mulher enferma. Oh! (*com desespero*) a lembrança de tudo isto abafou-me o ódio, reprimiu as palavras que vieram-me aos lábios, enfraquecem-me a mão que já erguia-se para punir o insulto.

Francisco – Um insulto!

Luís – Sim, meu filho. Vi estes cabelos brancos encanecidos. Oh! Nesse momento eu dava dez anos de vida, eu dava metade do meu sangue para ser livre, para não ter a família que tenho!

Francisco – E o delegado teve a ousadia de insultá-lo? Conte-me isto.

Luís – Ouve. Saí à tarde com Antônio José para examinar o roçado. Chegando, a primeira coisa que vi foi os cavalos do tenente Amorim dentro do cercado que havia sido aberto. O legume estava destruído. Fiquei indignado e inteiramente desanimado vendo naquele estado o fruto de tanto labutar, o pão de minha família.

Francisco – Oh! Isto é horrroso!

Luís – Tive, contudo, uma hora de esperança, apesar de tantos exemplos, de tantos fatos iguais. Iludi-me supondo

que o tenente Amorim tivesse coração humano, e que à vista do acontecido, se compadecesse de minha pobre família e pagasse-me o dano que seus animais causaram. Peguei os cavalos, ajudado por Antônio José, e fui implorar justiça... A justiça... *(com raiva)* Oh! Não sei como contive-me!

Francisco – E não atendeu-lhe o tenente Amorim? O que respondeu ele?

Luís – Primeiro o escárnio; depois o insulto. Finalmente, mandou tomar-me os cavalos e expulsou-me da sua casa, levantando sobre mim a bengala.

Francisco – Além do dano, o escárnio e o insulto! Oh! É custoso sofrer. É perseguir demais aos pobres.

Luís – Sim, é bem amarga a nossa vida, filho. Levar dias e dias, ao sol e à chuva, preparando um pedacinho de terra; limpá-lo, plantá-lo e regá-lo com o nosso suor, com tantos sacrifícios, muitas vezes trabalhando com fome, e ouvindo os filhinhos que pedem um bocado de pão; e depois de tantas labutações, quando era a nossa mandioca crescida, o nosso arroz cacheado, o nosso milho apendoando... vemos tudo arrasado, tudo destruído em poucas horas! E, contudo, não poder soltar uma queixa, reclamar uma reparação, soltar um gemido! E por quê? Porque a destruição foi feita pelos cavalos do Delegado, do Escrivão, ou pelo gado de um dos figurões da terra que agradam a autoridade policial, ou que a defendem nas gazetas.

Francisco – isto é duro. É cruel.

Amâncio (que se aproxima, deixando a fogueira preparada no terreiro) – Foi o que aconteceu, Francisco, no roçado de meu pai. Se tu o visses... Olha, faz pena; corta o coração.

Luís (veemente) – Porém, grande é o poder de Deus! Faltando-me o roçado, minha família sentirá a fome e chorará. Não será o seu choro ouvido por aquele que o causou, por aquele que todo dia leva um dos nossos para a cadeia ou para o recrutamento. Mas o nosso martírio não será sem fim. Um dia as nossas súplicas chegarão ao céu.

Amâncio – Então haverá justiça para nós, meu pai; para nós, os pobres.

Luís – Os pobres. É verdade, nós somos bem pobres... Entretanto, nós tivemos alguma educação, meu filho, fomos abastados. Teu pai, Francisco, teve quatro boas fazendas de gado, d'onde anualmente mandava para a feira grandes boiadas. Nós, meu filho, também fomos abastados. Nosso campo cobria-se de gado, nossa mesa de iguarias e em nossa bolsa pesavam os patações.

Amâncio – E então... ainda me lembro, meu pai. Então, como nos visitavam as autoridades e os principais do lugar!

Francisco – E eu recordo-me que um dia, não poderia ter mais de cinco anos, vindo o juiz de direito visitar-nos, depois de um grande jantar, chamou-me para seu colo, beijou-me e, sorrindo, chamou-me de galante menino!

Luís (triste) – Sim, todos eles eram então nossos amigos devotados. Apertavam com prazer as nossas mãos, e honravam as nossas festas e as nossas mesas. Nossos vaqueiros e protegidos eram respeitados quando tratava-se do recrutamento. Nossas casas não eram cercadas pela tropa e sempre a justiça recebia, cuidadosa, nossas queixas. Depois, veio a seca horrível de 1845. Água, verdura e o gado pouco a pouco desapareceram. Passamos da prosperidade à decadência. Finalmente, sofremos a fome e vimo-nos reduzidos à miséria.

Amâncio – Ah! É bem sensível a fome para quem nasceu na fartura, porém, Deus a dá, Deus a tira!

Luís (desanimado) – Ficamos pobres, muito pobres.

Francisco – E, por isso, sem amigos, sem justiça e até sem direito!

CENA VIII

Os mesmos e Maria

Maria – Meu pai, minha mãe o chama.

Luís – Vamos vê-la, Francisco. E tu, Maria, traz a minha foice.
(saem)

Maria – Sim, senhor. *(tira a foice que se acha encostada a uma árvore, e acompanha os dois)*

CENA IX

Amâncio (só, chega-se à fogueira e põe-se de cócoras) –
 Estou com o corpo resfriado, deixe-me esquentá-lo e enxugar esta roupa orvalhada. O trabalho e a chuva de hoje fatigaram-me. Aquilo sim, é que foi chuva! Ainda este ano não houve outra maior. Os riachos tiveram enxurrada, e que enxurrada! (*assenta-se no chão*) Assenta-te, pobre rapaz. Descansa este corpo alquebrado pelo labutar. (*pausa*) Em vida a do pobre neste mundo. Trabalhar um dia inteiro, sem descanso, como fiz hoje, e para ganhar somente uma pataca. Uma pataca apenas! E o pior é que lá ficou ela em conta da quantia maior que a necessidade obrigou-me a pedir emprestado. Oh! Triste de quem pede dinheiro emprestado para pagar em serviço. É pior que pagar juros! Se o pobre se apresenta, o salário é menor do que a de quem não deve. Se, por motivo muitas vezes justo, falta um serviço, é citado, e o senhor Juiz de Paz como o seu escrivão e meirinho, aumenta-lhe a dívida prodigiosamente! Quem devia cinco, sai devendo vinte! Oh! Que sorte, que sorte. (*cisma*) E mais é que o rico sempre tem razão nas audiências. Fala e o juiz presta tanta atenção, enquanto vira o rosto aos outros. E ainda mais que tendo um delegado como o tenente Amorim... Um dragão daqueles... (*ouve-se o som de uma viola que se aproxima e em seguida esta copla*):

Vou-me embora, vou-me embora
 Não é sambaria não
 Antes qu'eu vá gemer choroso
 Nas algemas, na prisão.

Amâncio (escuta atencioso) — Quem é que se atreve a vir por estas estradas, alta noite, a cantar? Talvez algum infeliz que embriagou-se. Quem quer que seja dormiria hoje na cadeia se não tiver amizade aos soldados. Estes, meus senhores, só respeitam a quem lhes enche a barriga, ou a algibeira. (*levanta-se e arma a rede no alpendre*)

CENA X

Os mesmos e Tomaz que entra com uma viola em que toca o fado, e cantando com ares de bêbado

Tomaz (cantando) — A pombinha de cansada
Morreu caindo na areia.
Assim também morre o pobre
Quando cai lá na cadeia⁴.

Oh! Por aqui, senhor Amâncio! Como vai isto de saúde e tostões? (*aproximando-se de Amâncio, dá-lhe a mão*) Toque nesta, seu velho.

Amâncio (apertando-lhe a mãos) — Enquanto a saúde, vou andando meio cá e meio lá; enquanto aos tostões, continua a quebradeira. E vosmecê, senhor Tomaz?

Tomaz (cantando) — Sem saúde e sem dinheiro,
Assim vivo neste mundo;
Tanto pesa o meu destino
Que só acabrunha iracundo.

⁴ No manuscrito, Juvenal antes havia escrito “A pombinha de cansada/ Bateu com o papo na areia/ Assim também morre o pobre/ Com o sofrer na cadeia.” Detalhe de transcrição de Ricardo Guilherme.

Por isso mesmo é que eu bebo,
Qu'eu toco o fado também;
Por isso mesmo, oh, amigo,
Bota da *bicha* um vintém.

Amâncio (vai a prateleira e tira uma garrafa de uma xícara) —
Então quer um vintém da branca? Toma lá. É forte e
boa, como dizem os entendedores. (*despeja aguardente
na xícara e entrega-a a Tomaz*)

Tomaz (recebendo a xícara) — Como isto é bom. (*contemplando
a aguardente*) Como está ela tranquila. Não corre...
não move-se, nada turva-lhe. Aguardente, tu encerras
a tranquilidade. Tu és o maior gozo de quem sofre; és
o maior prazer, a minha vida. Como poderia eu deixar
de amar-te? Se tenho fome, procuro-te e fico farto. Se
minha mulher e meus filhos choram, tu ensurdeces.
Se eles são presos, tu me tiras a vista. Fazes com que
eu não veja, não ouça, não sinta, e nem sequer me
lembre do que me causa dor. Vem... vem minha querida
aguardente. (*bebe e entrega a xícara a Amâncio, que a
deposita com a garrafa na prateleira*) É forte! (*tosse*)
Queima os intestinos, como o ciúme. Arre!

Amâncio — Ora, senhor Tomaz, venha cá. Diga-me porque não
deixa este maldito vício? Vosmecê assim está cavando
a sua sepultura.

Tomaz — Ah!Ah!Ah!... E vosmecê, menino, não bebe também
da *bicha*, hein?

Amâncio — Não, senhor. E a vendo a vosmecê e aos outros porque preciso ganhar uns vintenzinhos.

Tomaz — Pois, senhor Amâncio, vosmecê, não bebe? Não tem, vosmecê, sofrido os horrores da pobreza?

Amâncio — Pudera!

Tomaz — Não tem visto amarrados e algemados os amigos ou parentes a quem mais estima, e como recrutas disseram-lhe chorando um adeus para sempre?

Amâncio — Sim, muitas vezes.

Tomaz — Não tem ouvido os gemidos da fome e os soluços das vítimas do capricho e do despotismo escandaloso?

Amâncio — Sim, e meu coração nesses momentos pulsa estalando de dor.

Tomaz — E não empina uma garrafa de aguardente? Não sente a necessidade de esquecer?

Amâncio — Não. Volvo-me para o céu e rogo a Deus por mim e pelos aflitos.

Tomaz — A Deus? Estou cansado de pedir e Ele não atender-me. Parece-me que Deus também não gosta da gente pobre.

Amâncio — Senhor Tomaz, lembre-se que mais padeceu Jesus Cristo. Não se torne herege. Tenha paciência e reze.

Reze com muita contrição. Tenhamos fé na bondade divina, sejamos virtuosos e não nos importemos com as mãos. Eles não esperam mais do que o castigo de suas maldades, enquanto esperamos a recompensa... o dia da felicidade!

Tomaz — Olha, homem, eu já pensei assim. Nas agonias e dor (*com tristeza*) olhei para o céu, chorei, rezei e esperei. Vendo a inocência perseguida e definhando nas garras do malvado despotismo, olhei para o céu e esperei. Vendo a pobreza, vítima do potentado, do avarento, do mandão... olhei para o céu e esperei. Por fim, era demais, cansei de esperar! Olhei para a aguardente e achei consolação. Sim, estou consolado. Viva a boa pinga! Nada de tristezas. (*toca e canta*)

Tristeza, fora tristeza
 Sai daqui, foge de mim,
 Pois nasci para ser feliz,
 Pra sorrir-me ao mundo vim.
 Principalmente se tenho,
 Não é zombaria, não;
 Aguardente na cabeça,
 E a garrafinha na mão.

Ah! Isto sim é que é vida. Quando aperto as goelas da viola é para vê-la gemer assim. Adeus, senhor Amâncio, até a primeira vista.

Amâncio — Aonde vais? É melhor não sair daqui. Metade da minha rede lhe ofereço.

Tomaz — Obrigado. Vou assistir a um sambinha que disseram haver acolá embaixo. Adeus. (*sai tocando*)

CENA XI

Amâncio (só)

Amâncio — Pobre homem. Procurando na embriaguez o esquecimento, nela encontra uma morte lenta. Foi o único meio que encontrou de consolar-se. Talvez não lhe acontecesse isto, se ele soubesse ler, se pudesse conhecer as doutrinas do Evangelho; porém, quem é que cuida em instruir o povo? Nem mesmo, oh, meu Deus, os padres, se ocupam com isto. (*pausa*) Se meu pai, durante a minha infância, fosse pobre, como é hoje, e por isso não pudesse mandar ensinar-me a ler, quem sabe se o meu estado não seria igual ao daquele pobre homem? Meu Deus!

CENA XII

O mesmo e Maria

Maria (entrando) — Amâncio, meu pai chama-te.

Amâncio — Vou já, e tu, minha irmã, toma sentido a estas garrafas. (*sai*)

Maria — Sim, não te demores.

CENA XIII

Maria, logo depois o tenente Amorim e o Escrivão

(Maria assenta-se junto à porta da casa, e começa a olhar para dentro. O tenente e o Escrivão aparecem no cenário, entre as árvores)

Tenente Amorim — Como vai a noite escura! Quase nada enxerga-se entre estas árvores. E demais, que solidão. Ainda há pouco ouvi, para este lado, prolongada vozeria, e depois cantiga de bêbados. Talvez fosse algum samba desta canalha, apesar das minhas ordens rigorosas, que proíbem as festas da população. É uma corja de vadios esta gente do sertão. Tenho pena de não poder recrutar a todos. Só para soldados prestam, ou para eleição. *(riso grosseiro)* E muitos falam em direitos políticos e noutras asneiras... Ah! Ah! Ah!... Patifes! *(passeia e espreita)* Foram-se e levaram-me a rapariga. A falar a verdade, é bonitinha. Que olhares, que sorriso... diabo! Por que não ficou a menina sozinha, gozando a viração da noite, olhando aquelas lindas estrelas, ouvindo o doce murmurar desta floresta, e pensando *(irônico)* no cavalheiro que vai desposar? *(riso irônico)* E o tratante do noivo teve bom gosto. E trata de casar-se já e já. Que pressa! Realmente, tenho vontade de rir-me daquele paspalhão. Querer roubar a raparigazinha que me enfeitiçou. Vamos, vamos.

O Escrivão (saindo da moita) — Vossa Senhoria, precisa de mim?

Tenente Amorim — Sim. Fale baixo!

O Escrivão — Estou pronto.

Tenente Amorim — Vá ao quartel e diga ao sargento que o acompanhe com seis soldados. Ocultem-se perto daqui, e logo que eu apitar, apareçam. Não se esqueçam de cordas e facas.

O Escrivão — Vossa Senhoria, não ordena mais nada?

Tenente Amorim — Por ora, não. Espere, senhor escrivão. A escolta já partiu com os recrutas para a capital?

O Escrivão — Saiu há pouco acompanhada de muitas velhas e mulheres chorosas.

Tenente Amorim — Que canalha! Bem, vá fazer o que lhe ordenei.

O Escrivão — Sim, senhor. *(retira-se)*

CENA XIV

O tenente Amorim e, no fundo do cenário, Maria, na mesma posição, junto à porta e encoberta pela rede

Tenente Amorim — A tal Mariazinha tem-me remexido o coração. É preciso acabar com isto. Amo-a, ou para melhor dizer, quero-a, e isto basta. Ao noivo, recruta. Há de ser um bonito soldado. O irmão será também recrutado, e o velho Luís irá para a cadeia se puser-se

com desaforos. A sujeitinha há de ser minha. Eu o juro por estes galões. (*Maria levanta-se e tosse*) - Olé! Lá aparece a virgencinha. Ocultemo-nos. (*oculta-se entre as árvores*) Tens fugido de mim até hoje, ingrata pequena, porém, agora hás de ceder ao tamanho amor que te consagro. Não escaparás.

Maria (aproximando-se com a cabeça baixa e, como imersa em profunda cisma) — Lá ficaram, junto da minha mãe, conversando do meu casamento. Querem realizá-lo o mais depressa possível. Meu pai parece-me medroso. Receia, por certo, o tenente Amorim.

Tenente Amorim (meio escondido entre as árvores) — Pronunciou o meu nome. Será amor?

Maria (continuando) — Oh, realmente aquele homem assusta. É um sedutor vil. Não perde ocasião de desonrar e tornar desgraçada a inocente donzela que lhe apraz. Oh, meu Deus! (*com susto*) Eu sinto medo. O coração doi-me dentro do peito (*comprimindo com a mão o peito*) e bate-me de um modo desconhecido. O que será? Uma desgraça próxima? Tenho fé na Virgem Santíssima e, depois, em mim. Amo a Francisco e odeio àquele perverso que não respeita a honra nem receia o crime. (*com coragem*) Tenho esperança em Deus e em Maria Santíssima. O crime não há de triunfar. O infame não conseguirá matar a desvalida donzela que ama a virtude e que adora com fervor. Oh, não! Eu não receio.

Tenente Amorim (aproximando-se com expressão torpe) — Adeus, formosa Mariazinha.

Maria (assustada) — Oh!

Tenente Amorim — Que é isto, gente? Está com medo?

Maria — O senhor quer falar com meu pai?

Tenente Amorim — Como está ela séria... Mariazinha, que mal eu lhe fiz para você me tratar assim? Está zangada comigo?

Maria — Eu vou dizer a meu pai que o senhor quer-lhe falar.
(*pretende sair*)

Tenente Amorim (obstando-lhe a saída) — Oi! Que é isto? Não pague o amor com a ingratidão, Mariazinha. Eu não procuro a seu pai, e sim, a você, Ma'zinha, a quem amo, a quem adoro.

Maria — Senhor!

Tenente Amorim — Ingratinha. Se ando a estas horas por aqui, é porque não posso viver sem você, sem ver estes olhinhos sedutores.

Maria — Senhor tenente, respeite mais a quem o aborrece.

Tenente Amorim (à parte, com altivez) — É demais. Custa ouvir falar assim a sujeitas desta laia. (*à Maria*) Como você é cruel, Mariazinha. Por que despreza a quem só pensa em você? Escute, confie em mim, creia nas minhas palavras e no meu amor, que eu prometo fazê-la feliz.

Maria (com dignidade) — Adeus, senhor delegado. Eu não devo ouvi-lo.

Tenente Amorim (segurando-lhe o braço) — Aonde vai? Que é isto, Mariazinha?

Maria (procurando soltar-se) — Solte-me, senhor, senão chamarei por meu pai.

Tenente Amorim — Como você é má! Olha, assenta-se aqui. *(puxando-a para uma árvore da esquerda)* Venha cá. *(Maria resiste. O delegado puxa-a com mais força, abraçando-a)*

Maria (gritando) — Senhor delegado, não seja tão atrevido. Solte-me. Eu peço socorro... Meu pai! Meu pai!

CENA XV

Os mesmos e Luis

Luis avança para o delegado com uma faca. Este larga a Maria que procura os braços de seu pai. Momento de silêncio sombrio.

Luis (com explosão) — Malvado! Malvado que não poupa a honra do pobre. Malvado que me queres perder... queres tanto roubar a pureza de minha filha! Perverso! *(avança com furor)*

Maria (detendo-o) - Meu pai... Meu pai! Lembre-se de minha mãe.

Tenente Amorim (furioso) — Nem mais uma palavra. Nem mais um passo. (*rindo terrível*) Sabes com quem falas, doido? Sabes a quem insultas?

Luís (irado) — Ao homem mais cruel que eu conheço. A ti, tenente Amorim! A ti, delegado maldito!...

Maria (assustada e suplíce) — Meu pai... não diga mais nada... O que será de nós? (*à parte*) Meu Deus, socorrei-nos!

Luís (afastando-a) — Deixa, minha filha, deixa desmascarar este malvado.

Tenente Amorim (cruza os braços, ergue a cabeça e ri-se sarcástico) — Muito bem. Insultas a mim com altivez depois de me teres ameaçado com uma faca. Prossegue ousado e destemido, continua afrontar-me.

Luís (indignado) — Não afronto, digo somente a verdade. Neste distrito te aborrecem, te odeiam. Pobres velhas sem arrimo, pobre viúvas sem alento, e todas as horas sentindo a fome e o abandono, porque lhe roubaste o filho único, aquele que lhes dava alimento. Te maldizem. Muitas vezes, com prantos, com ódio, com o desespero da fome, dizem como eu: tu és muito infame! Tu és o delegado mais desumano, mais déspota que o sol alumia. Tu és o algoz da pobreza!

Maria (aflita) — Meu Deus!...

Tenente Amorim (sombrio) — Velho desmiolado! Não pensas

nas consequências desta loucura! Não sabes que és nada, que eu te posso esmagar com os pés como o faço com um verme? *(apita)* Continua. Depois eu te ensinarei a respeitar o teu superior.

Luís — Teu carrasco, não é o que quereis dizer?

CENA XVI

Os mesmos, o Escrivão e soldados que trazem facas

O escrivão — Senhor delegado, pediram-me que entregasse, sem demora, essa carta a Vossa Senhoria. É de urgência.

Tenente Amorim (recebendo a carta) — Sim vou lê-la. *(apontando para dentro da casa)* Entrem nesta casa e prendam a dois rapazolas que lá se acham escondidos. Quero vê-los já, na minha presença, amarrados. Se algum pretender fugir, atirem-lhe. Depressa!

Maria (aflita) — Meu Deus, meu Deus! *(os soldados procuram entrar, e Luís põe-se na porta obstando-lhes a entrada)*

Luís (indignado) — Não entrareis nesta casa! A noite vai alta. O asilo do cidadão é inviolável. Senhor delegado, respeite a Constituição do Império.

Tenente Amorim (sarcástico) — Queres também lembrar-me a lei. Tratante! *(para os soldados)* Amarrem primeiro este velhaco. *(os soldados seguram a Luís e, depois de curta resistência, amarram-no)*

Maria (suplica, à parte) — Meu Deus, tende compaixão de nós.
(*ao delegado*) Senhor... Senhor! Não maltrate assim
a um pai! (*um soldado fica vigiando Luís e os outros
entram na casa*)

Tenente Amorim (baixo, à Maria) — Tu és causa... As tuas
ingratidões...

Maria (à parte) — Sempre a infâmia, a perversidade!

Luís — Foge de perto deste homem, minha filha. O seu bafo
empesta e mata. O seu semblante horroriza. (*ouve-se
rumor dentro da casa*) Ouves? Lá prendem o teu irmão
e o teu noivo. Lá acabam de matar a tua infeliz mãe.
Ficas sem família, sem quem te defenda. Isto é o que
quer o sedutor vil.

Maria (chorando) — Minha mãe... o que será dela, meu Deus?
(*entra apressada para a casa*)

Tenente Amorim (sarcástico, abrindo a carta) — Ainda pias,
meu velho? (*pausa*) Tu soubeste preparar a cama para
te deitares. Como estás calado! É pena. Tens eloquência,
e gosto de ouvir-te. (*ouve-se gritar: “Minha mãe, minha
mãe!”*)

Luís (sombrio) — Eis o quadro que mais te agrada. A prisão, o
desamparo da donzela, os gritos d’agonia. Escarnece!

Tenente Amorim (que tem passado a vista na carta. Pálido,
adianta-se com muita comoção) — Esta carta... (*limpa o
suor*) Meu Deus! Não será isto um sonho... um pesadelo
do inferno!

CENA XVII

**Os mesmos e a escolta trazendo
amarrados a Francisco e Amâncio,
e Maria que os acompanha chorando**

O Escrivão — Estão os homens presos.

Tenente Amorim (tremendo e na mesma posição) — Sim...
sim...

Maria (abraçando-se com Luís) — Meu pai... estamos perdidos.
Todos presos. Minha mãe ficou sem sentidos e morrerá
com tanta desgraça. Meu Deus! Meu Deus!

Luís (com explosão) — Contempla, maldito. Contempla agora a
tua obra. Porém, é melhor que nos assassines logo... a
todos... tu mesmo... com tuas mãos... e depois beberás
o nosso sangue!

Tenente Amorim (olhando para a carta, mais agitado, sem
prestar atenção no que se passa no fundo do cenário.
Começa a ler com a voz trêmula, e depois soluça) —
“Meu filho, custa-me dizer-te o nosso estado presente;
as expressões faltam-me, porém, o teu coração amante
adivinhará tudo”. Oh, quanto sofro; quanto padeço
agora! (*prosegue*) “Escuta, pois. Um homem malvado,
um perverso, que nunca respeitou o que há de mais
santo neste mundo, a honra da donzela, enfim, o coronel
Mendonça, abusando da proteção comercial que dá
a teu pai, tentou...” Eu tremo. Tenho medo de ler o
resto. Aqui... naquelas outras letras vêm espinhos que
dilaceram o coração; vem um veneno que mata. Leiamos,

sorvamos gota a gota esta taça amargosa (*proseque*) “... tentou desflorar a tua irmã. A pobrezinha resistiu com força incrível... Por fim, já exausta de alento ia ceder, ia cair no abismo fatal... quando teu pai a socorreu. Houve então uma cena de afrontas e palavras de ódio e indignação. O infame sedutor ainda tentou contra os dias de teu velho e fraco pai. Depois, retirou-se jurando vingar-se, tornando-nos à extrema fraqueza, e fazendo de tua irmã a sua amásia!...” Oh! Não o há de conseguir. (*chorando convulso*) Eu o juro! Embora seja-me preciso sujar as mãos em seu sangue impuro, não o há de conseguir! (*proseque*) “Hoje, começou o malvado a sua infame vingança. Como sabes, teu pai lhe é devedor de avultada soma. Apresentou-nos a letra e exigiu pronto pagamento. Sendo-nos isto impossível, foi requerida a falência. Já nada mais possuímos. Os credores se aproximam e, com eles, a fome e a miséria para nós. Eu e teu pai, pobres velhos, poderemos acaso resistir ao golpe? E tua irmã, tua pobrezinha irmã? A vista pois, disto, meu filho, não te demores. Corre. Vem ajudar-nos com teu braço vigoroso, vem salvar a honra de tua irmã que se acha em perigo. Vem, vem, sem demora”. Sim, minha pobre mãe, sim. (*chorando*) Não me demorarei um só instante. Dia e noite, sem repouso, correrei por essa longa estrada até chegar. Em breve a virgindade de minha irmã terá um defensor forte e invencível! E vós, e vós todos, um pedaço de pão ganho com o suor de meu rosto. Oh! meu Deus, meu Deus! Se o arrependimento algum valor tem perante Vós, perdoai os meus desvarios. Perdoai-me e salvai à minha pobre família. (*soluçando*) Demais pesa-me a

desventura n'alma. Demais sofro eu agora. Foi tremendo o castigo (*volve-se para os soldados*) Camaradas, soltai esta gente. Soltai-os! (*os soldados tiram as cordas dos presos*) E vós, honrado Luís, e vós, inocente Maria, e vós outros, podereis acaso perdoar-me? Depois de tanto sofrimento, depois de tanta agonia, podereis acaso dizer ao arrependido — perdoamos-te!?

Luís (chorando) — Senhor tenente Amorim, eu lhe perdoo de todo o meu coração, e rogo a Deus para que também Lhe perdoe.

Maria (chorando) — Meu Deus, perdoai-o.

Tenente Amorim — Oh! Quanto vos agradeço. Que peso enorme tiraram d'alma. Sinto agora o doce bálsamo da esperança. Adeus. Preciso partir já. Lembrai-vos de mim nas vossas orações. Adeus, camaradas. (*volvendo-se para os soldados*) Vós todos que nunca vistes no meu rosto senão o rigor, a ironia, talvez a impiedade, vede agora o pranto! Não o escondo. Não me envergonham estas lágrimas, porque são as do arrependimento e d'agonia. Adeus. Lembrai-vos sempre que, neste mundo, quem com ferro fere, com ferro será ferido. (sai)

Luís (ajoelha-se, e seu filhos o imitam) — Deus! Deus de infinita bondade, quanto sois justiceiro!...

FIM

agora
ca. Adieu, Pucier partira já... Lembranças
bravos dos de mim e das caríssimas
crianças. Adieu, Camaradas (Nobres e
para os soldados) Me's ^{Logo} agora ninguém
vistos em uma rua rosta denão o ri-
gor, a iranias e talvez em inje-
idade e vêde agora o gritante o Não
o escando Não na inangouham es-
tas lagrimas, porque são as de
arrumamento em o agorinha Adieu
Lembranças vos suprem que dicto
mundo - Quem com ferra ferra
com ferra de ferido. (Sic)

Luis (Apoetisa e os
filhos. invitam) Deus Deus de in-
finita bondade quanto sei justiça
ro!

Fine

(55)
Adens, camaradas. (VOLVENDO - SE
PARA OS SOLDADOS) Vós que
nunca visteis em meu rosto
senão o rigor, a ironia, e
talvez a impiedade, vêde
agora o pranto! Não o es-
condo. Não me envergonham
estas lágrimas, porque
são as do arrependimento
e d'agonia. Adens. Lembrai-
vos sempre, que neste mundo
quem com ferro fere, com
ferro será ferido. (SAI)

LUIZ (A JOELHA - SE, E SEUS ALHOS
O IMITAM) Deus! Deus de
infinita bondade, quanto sois
justicheiro!...

F/M.

E vós, e vós todos um pedaço de pão ganho com o suor de meu rosto. Oh! meu Deus, meu Deus! Se o arrependimento algum valor tem perante vós, perdoai os meus desvarios. Perdoai-me e salvai a minha pobre familia. (SOLUCANDO) - Demais pesa-me a desventura n'alma, Demais soffro eu agora. Foi tremendo o castigo (VOLTA-SE PARA OS SOLDADOS) - Camarads, soltai esta gente. Soltai-os (OS SOLDADOS TIRAM AS CORDAS AOS PRESOS) 2 E vós honrado Luiz, e vós innocente Maria, e vós outros poderéis acaso perdoar-me? Depois de tanto soffrimento, depois de tanta agonia, podereis acaso dizer ao arrependido: perdoamo-te!?

LUIZ (CHORANDO) - Senhor Tenente Amorim, eu lhe perdo de todo o meu coração, e rogo a Deus para que também elle perdoe.

MARIA (CHORANDO) - Meu Deus perdoai-o.

TENENTE AMORIM - Oh! quanto vós agradeço. Qui peso enorme me tiraram d'alma. Sinto agora o doce balsamo da esperanza. Adeus, preciso partir já. Lembrai-vos de mim mas vossas orações. Adeus, camaradas. (VOLTANDO-SE PARA OS SOLDADOS) - Vos todos que nunca vistes no meu rosto senão o rigor, a ironia, talvez a impiedade, vede agora o pranto! Não o escondo. Não me envergonham estas lágrimas, porque são as do arrependimento e d'agonia. Adeus. Lembrai-vos sempre, que n'este mundo - Quem com ferro fere, com ferro será ferido (SAI).

LUIZ (AJOELHANDO-SE E SEUS FILHOS O IMITAM) - Deus! Deus de infinita bondade quanto sois justiceirol!...

F I M

CANÇÕES DA ESCOLA

Nas páginas anteriores as três etapas
de *Quem com Ferro Fere...*:


- (1) Manuscrito de Juvenal Galeno, 1859
- (2) Transcrição manuscrita de Ricardo Guilherme, 1975
- (3) Texto datilografado por Marcelo Costa, 1975



CANÇÕES DA ESCOLA

Obra adotada pelo Conselho de Instrução Pública
do Ceará para uso nas aulas primárias.

1871



Ceará
Typographia do Commercio
À venda na livraria de Joaquim J. d'Oliveira & Filho
Praça do Ferreira, 10

Ao Leitor

Estas canções foram escritas de modo que servem às aulas de ambos os sexos, com a mudança somente do gênero em algumas palavras, o que não alterará a rima.

Poucas toadas bastam, pois de propósito não variei muito a forma. À do Hino Nacional adaptam-se as canções V e VI. Uma toada é suficiente para as I, II, IV, VIII e letra da XII. E outra para as III, VII, IX e XI. À X convém a música do bendito popular da Eucaristia. Pode o professor principiar assim, e depois, pouco a pouco, se entender que é melhor, dar a cada canção um tom.

Impressos os versos em cadernetas, ou tabuletas, serão cantados em qualquer dia sem que estejam decorados e, insensivelmente, os alunos gravá-los-ão na memória em pouco tempo.

A utilidade da canção na escola é demais evidente para precisar de uma demonstração. Além de desenfadar o menino, alegrando-lhe o espírito, e de predispô-lo, portanto, para continuar o trabalho, ensina-lhes úteis preceitos, e serve-lhes de estímulo, prêmio e castigo, acabando por uma vez com a palmatória, esse brutal recurso da inépcia do magistério.

É sem dúvida condição essencial do progresso no ensino que a criança ame o mestre e a escola, e deleite encontre na lida que lhe cabe na idade dos brinquedos e sorrisos; que veja no seu mestre um amigo carinhoso, e não o desapiedado algoz; n'aula, a casa do contentamento, e não a do martírio; e na convivência dos



livros sinta entusiasmo e gosto, e não o tédio e o sono. Conseguido isto, nada mais falta conseguir.

E qual o meio mais eficaz do que a canção, a harmonia, esse doce poder que tudo vence na Terra?

Que empregá-lo saiba o professor, e assim verei efetivamente realizados os fins que tive em vista escrevendo estas singelas cantigas.

J. Galeno.



I

Entrada

— *Para todos os dias no começo d'aula e
abertura d'esta em janeiro.* —

Salve, mestre; salve, livros;
Ó mansão d'almo labor!
Santo Esp'rito, iluminai-nos,
Santo Deus, dai-nos valor!

Salve, mestre; salve, livros;
Santo Deus, dai-nos valor!

Aos romeiros do oriente
Sede a estrela do Senhor;
Caro mestre, destas trevas
Nos levai ao doce albor.

Dos romeiros sede a estrela,
Nos levai ao doce albor!

Eia, às lidas! Que o estudo
Nos ilustra e dá vigor;
Eia, avante, à luz divina,
Que nas trevas geme a dor!

Eia, avante, à luz divina,
Que nas trevas geme a dor!

II Retirada

— *Para o fim do trabalho diário, e do ano escolar.* —

Graças, bom Deus, Senhor Nosso!
Alento vamos cobrar:
Como as aves, finda a lida,
Guiai-nos em paz ao lar.

Como as aves nós volvemos;
Como as aves, voltaremos.

E salvai-nos do pecado
Nas horas do repousar;
De ofender aos companheiros,
E ao pai nosso e a mãe, no lar.

A lição já recordemos,
Que a todos alegraremos.

Adeus, mestre; perdoai-nos
Nossas faltas do lidar;
Deus, que amar nos ensinastes,
Nos proteja em nosso lar.

Deus nos ouça: Deus amemos;
Adeus, mestre, voltaremos.

III

Laudatória

— *Para cantar-se em louvor do aluno
premiado nos concursos semanais.* —

Cantando louvemos,
Saudemos a glória,
Da lida a vitória,
Tão certa lição.

Oh, salve, colega;
Da luz, ó romeiro,
Que fostes primeiro
Nos louros d'ação.

Oh, salve! Ganhastes
Os nossos louvores,
As palmas, as flores,
Que todos vos dão.

Oh, salve, colega;
Da luz, ó romeiro,
Que fostes primeiro
Nos louros d'ação.

IV Amor do Próximo

— *Para cantar-se quando o aluno maltratar
ao colega ou a outrem.* —

Filhos de Deus, sua imagem,
Todos nós somos irmãos:
Rico ou pobre, preto ou branco,
Iguais somos e cristãos.

Por amor de Deus eterno,
Amemos o nosso irmão!

Socorramos ao aflito,
Perdoemos o baldão;
Ai daquele que o maltrata,
E não suplica o perdão!

Por amor de Deus eterno,
Amemos o nosso irmão!

Sim, que amar-nos é preceito
Do verdadeiro cristão;
Quem despreza-o, a Deus despreza,
E a do Céu, Santa Mansão.

Por amor de Deus eterno,
Amemos o nosso irmão!

V

A Independência

— Para o dia 7 de Setembro, ou o da
Independência da Província. —

Salve, ó dia; salve, glória!
Louro da pátria imortal,
De nossos pais a vitória,
Nossa ventura e fanal.

E honra a vós, bravos d'outrora,
Honra a vós, heróis sem par!
Salve, ó dia; salve, aurora
Da independência do lar!

Da liberdade o tesouro
Herdamos de nossos pais;
Juremos, irmãos, em coro,
Guardá-lo sempre leais.

Sim, juremos, qual outrora,
Pela Pátria a vida dar;
Salve, ó dia; salve, aurora
Da independência do lar!

E depois em firme estudo
Procuremos o valor,
Qu'ele dá seguro escudo
Para a Pátria, nosso amor.



Eia, aos livros, que vigora
O verão a se ilustrar.
Salve, ó dia; salve, aurora
Da independência do lar!



VI Hino Nacional

Nossos hinos d'esperança
Ao vasto império gentil!
Seu porvir em nós descansa;
Somos filhos do Brasil.

Salve, Pátria, ó Pátria amada;
Salve, Império do Brasil;
D'Evaristo e sábio Andrada,
Salve, Pátria, mãe gentil!

Alentemos corpo e alma
Para a Pátria — mãe gentil;
Da vitória a nossa palma,
Será palma do Brasil.

Salve, Pátria, ó Pátria amada;
Salve, Império do Brasil;
D'Evaristo e sábio Andrada,
Salve, Pátria, mãe gentil!

E sejamos sempre honrados
Defendendo a mãe gentil;
Salve lares bem-fadados,
Salve Império do Brasil.

Salve, Pátria, ó Pátria amada;
Salve, Império do Brasil;
D'Evaristo e sábio Andrada,
Salve, Pátria, mãe gentil!

VII Amor de Deus

Oh, Deus, Vos amamos
Com todo o fervor;
A fé de nossa alma
Sois Vós, ó Senhor!

A fé de nossa alma
Sois Vós, ó Senhor;
Ó pai, ó Espírito,
Jesus, Redentor!

Em Vós esperamos
Da culpa o perdão,
A graça na Terra,
Do Céu a Mansão.

A graça na Terra,
Do Céu a Mansão...
Ó Pai qu'adoramos
Com toda a afeição!

E amamos o próximo
Por Vós, ó Senhor,
Bondade Suprema,
Infinito amor!

Bondade Suprema,
Infinito amor,
Dos céus e da Terra,
Divino Senhor.

VIII

Faltas Graves

— *Para ser cantada quando grave falta cometer o aluno,
devendo este ouvi-la em lugar especial.* —

Que fizestes, companheiro?
Que fizestes, ó irmão?
Ai, que dor sentimos todos
Dentro em nosso coração.

Que fizestes, companheiro?
Que fizestes, ó irmão?!...

O dever é lei sagrada
Do verdadeiro cristão;
Uma falta leva à outra,
Outra leva à perdição!

O dever é lei sagrada,
Que violastes, irmão!
Pois pedi a Deus, ao mestre,
Humilde, vosso perdão;
E emendar-vos prometei-lhes
Com inteira contrição.

Santo Deus, ó caro mestre,
Perdoai ao nosso irmão!

IX Nos Passeios

— *Para ser cantada nos passeios campestres,
recomendados pelo regulamento.* —

Do — nada — este mundo,
Deus, Pai e Senhor,
Criou em seis dias...
Qu'imenso primor!

Somente em seis dias,
Qu'imenso primor!
Oh, glória ao Supremo
Deus, nosso Senhor!

Os céus e a terra
Do abismo tirou;
E as trevas eternas
A luz separou.

O céu, terra e lume,
Primeiro labor...
Oh, glória ao Supremo
Deus, nosso Senhor!

Azul firmamento
Nas águas surgiu,
E a linfa confusa
Assim dividiu.

Extremam-se as linfas
Então, nesse albor;
Oh, glória ao Supremo
Deus, nosso Senhor!

E unem-se as águas,
E forma-se o mar,
E a planta virente
No seco a brotar!

No dia terceiro,
Mar, selvas e flor!
Oh, glória ao Supremo
Deus, nosso Senhor!

E no firmamento
O Sol a raiar;
A Lua desponta,
E a estrela a brilhar.

Dos dias no quarto
Tamanho fulgor...
Oh, glória ao Supremo
Deus, nosso Senhor!

De peixe e cardume,
Eis, surge a nadar;
As aves cantando...
Que lindo cantar!



No quinto, os peixinhos,
E o alado cantor...
Oh, glória ao Supremo
Deus, nosso Senhor!

E mil animais...
E o homem primeiro,
O rei do criado,
Feliz, sobranceiro!

Depois n'outro dia,
Descansa o Autor.
Oh, glória ao Supremo
Deus, nosso Senhor!

E as aves, os peixes,
As selvas, a flor...
Oh, toda a natura
Exalta o Senhor!

Adora a natura
O Seu Criador...
Oh, glória ao Supremo
Deus, nosso Senhor!



X Eucaristia

— *Para os alunos cantarem à missa, na ocasião própria.* —

Pecadores, oh, curvemo-nos!
Nosso Deus e Redentor,
No cruento sacrifício,
Adoremos com fervor.

Ó Jesus, ó Deus Altíssimo,
Que nos fostes luz e guia,
Ao afeto nosso e súplicas
Atendei na Eucaristia.

Ei-lo entre os seus apóstolos
Convertendo o vinho e pão
No Seu corpo, sangue, espírito,
Que nos dá na Comunhão.

Ó Jesus, ó Deus Altíssimo,
Que nos fostes luz e guia,
Ao afeto nosso e súplicas
Atendei na Eucaristia.

Era então noite da véspera
Dos tormentos da Paixão
Ai, seguiu-se o Seu martírio
Pela nossa remissão.

Ó Jesus, ó Deus Altíssimo,
Que nos fostes luz e guia,
Ao afeto nosso e súplicas
Atendei na Eucaristia.

Ei-lo após subindo o Gólgota,
Açoitado... Oh, dor cruel!
Que amarguras no suplício...
Quanto espinho, escárnio e fel!

Ó Jesus, ó Deus Altíssimo,
Que nos fostes luz e guia,
Ao afeto nosso e súplicas
Atendei na Eucaristia.

Consumou-se o sacrifício...
Nossa culpa erguera a cruz!
Ó Jesus, estrela fúlgida,
Perdoai-nos... ó Jesus!

Ó Jesus, ó Deus Altíssimo,
Que nos fostes luz e guia,
Ao afeto nosso e súplicas
Atendei na Eucaristia.

.....

— *Se comungarem, cantarão as seguintes.* —

Antes da Comunhão

Ó Jesus, ó Deus Altíssimo,
Em Vós cremos com fervor!
Vos amamos! Dai ao mísero
Força à fé; perdão, Senhor!

Atendei às nossas súplicas,
E nossa alma alimentai;
Ah, de Vós, é certo, indigna,
Mas, Senhor, sois Deus e Pai!

Preparai-a, Deus Puríssimo
Qu'anelamos com ardor;
Vinde, ó Pai! Que recebendo-vos
Esperamos graça... amor.

Vinde, vinde, ó Bem Santíssimo,
Em nossa alma humilde, entrai;
Ah, de Vós, é certo, indigna,
Mas, Senhor, sois Deus e Pai!

.....

Depois da Comunhão

Ah, viestes aos misérrimos,
Em nossa alma brilha a Luz;
Nos faltava, ó Deus, o mérito,
Mas, clemente sois, Jesus!

Dai agora, ó Deus Puríssimo,
Qu'esta Santa Comunhão,
D'ofender-vos sempre salve-nos,
Seja eterna redenção.

Nossas culpas perdoastes-nos,
E Vos destes em penhor;
Fervorosos adoramo-vos...
Graças, graças, ó Senhor!

Dai agora, ó Deus Puríssimo,
Qu'esta Santa Comunhão,
D'ofender-vos sempre salve-nos,
Seja eterna redenção.

E nos seja amparo e ânimo,
Nosso alento, ó sumo Bem;
Nossa emenda, norte e glória
Nesta vida e noutra. Amém.

Dai-nos, sim, ó Deus Puríssimo,
Qu'esta Santa Comunhão,
D'ofender-vos sempre salve-nos,
Seja eterna redenção.

XI Salve!

— *Ao Diretor ou ao Inspetor de Instrução,
quando este visitar a escola.* —

Oh, salve! Bem-vindo,
Bem-vindo sejais,
Oh, vós que ao oriente
Também nos guiais.

De nossa ventura
Sois vós um penhor...
Oh, salve! Bem-vindo,
Bem-vindo, ó senhor!

Aos fracos romeiros
Agora alentais,
Da luz o caminho
Mais curto ensinais.

A Pátria vos manda,
Sois prova de amor...
Oh, salve! Bem-vindo,
Bem-vindo, ó senhor!

Das lidas, o fruto
Guardamos leais,
E vós e o mestre
As flores guardais.



São vossas as glórias,
Mas nosso o sabor...
Oh, salve! Bem-vindo,
Bem-vindo, ó senhor.



XII

Recordação (*)

— *Para os sábados, quando os alunos recordarem as lições da semana.* —

(*) Os decuriões cantarão uma letra desta canção e os demais alunos responderão em coro, recordando, na toada do costume, uma parte do silabário, da tabuada ou do catecismo; depois, outra letra, e resposta igual, e assim até o fim. Deste modo torna-se a recordação variada e alegre, e seu prazer substituirá, sem dúvida, o terror que muitas vezes no sábado afugenta o menino da aula.

Não percamos estas horas,
Passa o tempo sem volver;
Eia, avante, companheiros,
No caminho do saber!

Um *b* com *a* — *bê-a-bá*,
Um *b* com *e* etc., etc.

Vive em noite escura e triste
Quem não sabe ao menos ler;
Ai de quem a luz despreza...
Vai nas trevas se perder.

Um *b a s* — *bê-a-bás*,
Um *b e s* etc.

Amemos a Deus eterno
Na amargura, no prazer;
Seja firme a nossa crença,
Virtuoso o proceder.



— Outra parte da recordação, etc.

Do pai nosso o ser tivemos,
E do mestre a luz do ser;
Eia, amemos pai e mestre,
Que de todos é dever.

— Outra parte da recordação, etc.

Amemos o nosso próximo,
Companheiro do viver,
Socorrendo-o na pobreza,
Nas horas do padecer.

— Outra parte da recordação, etc.

Amemos também a Pátria,
Terra de nosso nascer,
E estudemos para fortes
Os seus foros defender!

— Outra parte da recordação, etc.

A preguiça é mãe do vício,
Não nos vença o seu poder,
Ai de quem foge da escola,
De quem foge de aprender.

— Outra parte da recordação, etc.



Ai de quem se entrega ao ócio,
Vai delitos cometer.
Eia, avante, companheiros,
À f'licidade, ao saber!

— Outra parte da recordação, etc.

FIM



tya.

Scenall?

Os mesmos. Luis.

Luis.

(Entrando, em traje de trabalho) Aqui
estou, meu amigo. Vamos. Ainda ha
tempo de sobra para examinarmos
nos os nossos legumes.

Antonio Jose.

Vamos. (Para Maria) Adios, Maria,
sinha, ate logo.

Maria

Se Deus quizer. (Beijo a mao de
Luis)

Luis (abre a porta)

Deus a tenha em sua
guarda (saem)

Senza 5.^o

Maria (co)

folha para o curiúcho que se segue
os dois, e volta logo no seu rio.)
Ficou = ed. Já não poderia escrever
= me. Já não chegara aos ouvidos
de meu pai a confissão do segredo,
de que tu tenhas occultado, para
evitar um soffrimento maior. (Pau-
sa) Poderia ainda ha pouco ha-
sitavas em contar-me as tuas des-
cafianças contra o Tivente Amos-
rim, e mal sabias que fallavas
a victimas de mil cidadãos
de tantos locais das quaes tenho escapado com o poder
~~de não se impozer a essa~~
de Nassi ~~de Nassi~~
placencia. Não confiesse tu
o que tens feito este tanto q.
párcim. Truiz de medo que um

